

# Lobo Antunes: do Naturalismo ao Pós-humanismo

Ermelinda Maria Araújo Ferreira (UFPE/CNPq)

Recebido em 28 jun. 2013/Aprovado em 11 abr. 2014

## Resumo

A Teoria Queer emergiu nos Estados Unidos em fins da década de 1980, em oposição aos estudos sociológicos sobre gênero. Surgidos em departamentos não diretamente ligados às investigações sociais – como os de Filosofia e de Crítica Literária – os estudos queer problematizam concepções clássicas de identidade, inspirando-se nos conceitos e métodos de obras de Michel Foucault e de Jacques Derrida para propor o rompimento com a concepção cartesiana do sujeito “humanista”, como base de uma ontologia e de uma epistemologia “pós-humanas”. Lidando com enfoques teóricos cujas delimitações ainda são difusas e reúnem pouco consenso quanto à legitimidade de sua efetiva utilização, este ensaio busca dar conta dos radicais desafios propostos à crítica pelo romance *Que farei quando tudo arde?*, de António Lobo Antunes.

**Palavras-chave:** pós-modernismo; pós-humanismo; teoria queer; António Lobo Antunes; “Que farei quando tudo arde?”.

O romance *Que farei quando tudo arde?* do escritor português António Lobo Antunes parece, à primeira vista, um libelo em defesa dos direitos humanos. Nomeadamente, pronuncia-se contra a homofobia e as patrulhas ideológicas de diversos credos, desde o religioso moralista até o político reacionário. O direito constitucional da liberdade de escolha da orientação sexual tem avançado muito nos últimos anos em escala planetária, ancorado à profunda reorganização dos papéis sociais resultante, em parte, das conquistas feministas, e da conseqüente mudança seminal da família nuclear burguesa. Em Portugal, esta mudança aconteceu, inclusive, de modo vanguardista, tendo sido o país um dos primeiros da Europa e o oitavo país do mundo a legalizar o casamento entre pessoas do mesmo sexo. A legislação de 2010 representa uma conquista impensável até há poucas décadas, embora ainda não inteiramente respaldada pelo comportamento social. A demanda que vem de uma parcela minoritária da sociedade e é respeitada e contemplada como um avanço no âmbito jurídico, ainda encontra muita resistência, na prática cotidiana, dos grupos mais conservadores da sociedade. Este corajoso romance, portanto, abre-se a uma temática difícil, desafiadora e problemática, defendendo claramente a sua vinculação ao universo dito “queer” e oferecendo-se a possibilidades de leituras políticas engajadas.

Mas seria redutor e precipitado entender o monumental texto antuniano como um compêndio sociológico ou um adiposo manifesto panfletário, por mais que ele faça uma concessão explícita às leituras multiculturalistas que dominam grande parcela da academia nos dias que correm. Um escritor desta monta, autor de sólida e vasta obra – numa época em que as escritas meteóricas chovem ao sabor de modismos e interesses econômicos editoriais os mais diversos, tão intensos quanto passageiros – não poderia ater-se apenas a uma causa externa àquela a que efetivamente se dedica, e que ainda sobrevive no mundo pós-moderno: a causa *literária*.

Evidentemente os escritores de todas as épocas, sobretudo os que fizeram da literatura a sua razão de existir, jamais se negaram a pensar sobre o social e o contingente. O refratário mundo da escrita reflete o mundo empírico com a intenção de recriá-lo na palavra, mas não de intervir sobre ele – embora não sejam raras as confusões que desde sempre se forjaram sobre o assunto: daí os escritos queimados em fogueiras, ocultos em criptas e afundados em naufrágios pelo pavor humano de sofrer a virulenta contaminação e a devastadora influência do plano imaterial da arte. A infâmia e o escárnio a que é submetido o D. Quixote em meio ao populacho da Andaluzia, na segunda parte da obra de Cervantes – quando já era do conhecimento geral a doença de que padecia (e que outra não era senão a doença *literária*, a da perda do senso do real pelo vício da leitura excessiva) – atestam o pânico do senso comum e do bom-senso diante da ameaça do sentido

rasurado, diante da plenitude do não-sentido da arte. Um pânico que tenta resolver-se pelo riso nervoso, pela descompostura, pela galhofa vulgar, pelo desmoronamento coletivo da misteriosa autoridade ética e estética que é pressentida, mesmo pela turba malsã, como a promessa de algo maior, inapreensível, incompreensível, guardado no mistério das palavras e no arrebatador silêncio das bibliotecas.

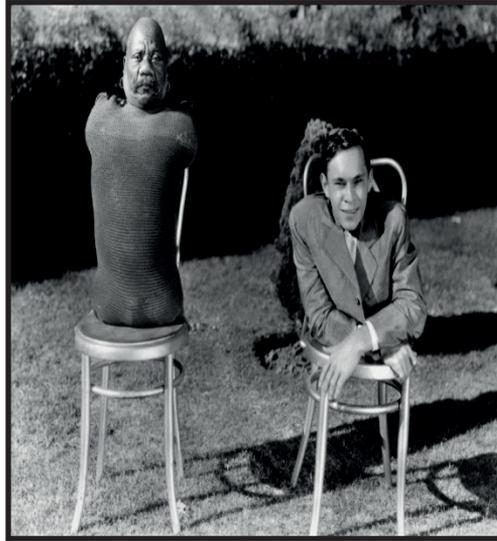
Os corpos, sejam eles celestes ou terrenos, biológicos ou manufaturados, tendem a uma padronização física, comportamental ou utilitária a que nos aferramos em nossos frágeis conceitos de “normalidade” e que nos dão uma impressão de equilíbrio, estabilidade e permanência necessários ao fluir da vida cotidiana. “Normal” é o que determina o hábito e a estatística, os códigos e as classificações, as leis e os mores: o tamanho do leito de Procusto a que nos condena uma época ou uma cultura. Mas a natureza e a arte nos surpreendem continuamente com a sua variedade, com os seus desvios, com os seus “erros” e as suas “falhas” inteiramente indiferentes ao nosso desespero normatizador.

Aprendemos com a biologia e com a estatística, por exemplo, que o corpo humano tem uma cabeça, dois braços e duas pernas. Isto é “normal”. Isto é “humano”. Mas o que fazer quando um ser surge no mundo incompleto, excedente ou imprevisto: com duas cabeças num corpo geminado, ou com quatro pernas, ou preso a outro corpo não inteiramente desenvolvido, cuja cabeça resultou encerrada para sempre no interior do tórax de seu irmão, contemplando suas entranhas, talvez – enquanto o resto de sua forma pende para fora como um impossível membro brotando-lhe de uma abertura do esterno? O que fazer com os produtos resultantes dos deslizos e cochilos da alquimia genética? O que fazer?

Um “monstro” – aprendemos a rotular, como quem resolve um caso perdido. A palavra tem o poder de nos acalmar. É um “monstro”. Ou seja, tem um nome, um diagnóstico, um pertencimento cognitivo. Sabemos do que se trata, pelo menos na nomenclatura. O nome nos afasta da vivência do *Unheimlich*, a inquietante estranheza. Não mais os apreendemos com o mesmo horror quando “sabemos” o que são. Não mais nos sentimos ameaçados por eles. E o que fazemos com a “diferença”, sobretudo a mais aberrante, a diferença “monstruosa”, que salta aos olhos e que não é possível ocultar? ... Rimos. Novamente o riso nos salva da perdição angustiante da dúvida, do afundamento no movediço pavor do desconhecido que reside em tudo o que nos surpreende, apavora ou encanta. Rimos. Não por acaso era ao circo que tais criaturas estavam destinadas em tempos imemoriais. Não por acaso, é o circo que continua a acolhê-las nos dias de hoje – este formidável circo urbano de horrores e de sombras que são os guetos, os becos, os bares, os asilos, os presídios, os hospitais, os espaços à margem das avenidas dos normais e dos dias ensola-

rados dos comuns. Mas talvez algo esteja efetivamente mudando na mentalidade pós-moderna.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> A ciência médica, conduzida pelo pensamento humanista, continua avançando cegamente, e a passos largos, para restituir o “desvio” à “normalidade”. As cirurgias retalham os corpos inadequados, manipulando-os como o Doutor Moreau da ilha de horrores de H. G. Wells, a fim de ajustá-los a uma ideia padronizada do “humano”; a indústria farmacêutica e cosmética trabalha para desinchar os obesos, insuflar os caquéticos e rejuvenescer os idosos, também perseguindo o padrão; os laboratórios investem fortunas na pesquisa da clonagem dos seres vivos, ápice da busca desesperada do Mesmo e da fuga apavorada do Outro – comportamentos que assumem contornos esquizofrênicos no mundo contemporâneo. O dilema entre sacrificar ou deixar nascer e viver uma criatura cuja configuração ainda não pode ser alterada pela ciência para ajustar-se ao padrão vigente, será talvez um dos maiores desafios da atualidade. Um desafio que mobiliza discursos inflamados em diversas áreas: da religião à bioética, da sociologia à literatura. O instinto amoroso mais visceral, no entanto, parece conduzir o problema numa outra direção, como comprovam os pais das irmãs Hensel, que não só aceitaram corajosamente o desafio de criá-las, assumindo-as incondicionalmente; mas trabalhando, através da exposição de suas imagens psicológica e emocionalmente “ajustadas”, não pela angariação de recursos (como fez o circo de espetáculos de “freaks” ao longo da história), mas pela modificação das mentalidades, muito mais sábia, generosa e econômica do que certos investimentos científicos escabrosos da atualidade, ainda fortemente orientados pelo preconceito.



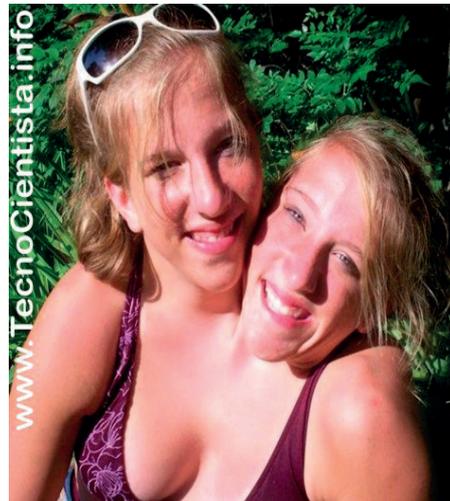
*Fig. 1. Atores do filme Freaks, de Tod Browning um cult clássico de 1932, que abalou a sociedade da época. Foi rejeitado, trancafiado, e somente após 30 anos, exibido em cinemas sujos e festivais amadores.*



*Fig. 2. Fotografia de Perumal Sami, nascido na Índia em 1888, que carregava um irmão gêmeo perfeitamente desenvolvido, crescendo para fora do peito. O gêmeo respondia a estímulos quentes e frios. Sami tornou-se famoso ao exibir seu(s) corpo(s) à curiosidade pública, conseguindo sobreviver com o dinheiro arrecadado nesses espetáculos.*

<sup>2</sup> Suas espinhas cruzam-se na pélvis, e possuem dois braços, duas pernas e três pulmões. Têm duas personalidades diferentes e cada cérebro comanda metade de um único corpo. Vivem nos EUA, onde nasceram, em 1990. São saudáveis e alegres, e amadas pela família, evidenciando que a verdadeira mutilação, a verdadeira deficiência humana não está na diversidade orgânica ou fisiológica, comprovadamente superada pelos mecanismos compensatórios previstos pelo próprio sistema (quando não pela inteligência, que engendra hoje meios de “corrigir” cirurgicamente variações incompatíveis com a vida); está no preconceito social, no estreito vício da normatividade, numa ótica deliberativa e ditatorial que seleciona o que deve ou não ser considerado “humano” segundo critérios arbitrários, eliminando os inadequados e varrendo para a sarjeta o que é automaticamente categorizado como “animal” ou “monstruoso”.

<sup>3</sup> “A Teoria Queer emergiu nos Estados Unidos em fins da década de 1980, em oposição crítica aos estudos sociológicos sobre minorias sexuais e gênero. Surgida em departamentos normalmente não associados às investigações sociais – como os de Filosofia e Crítica Literária – essa corrente teórica ganhou reconhecimento a partir de algumas conferências em universidades, nas quais foi exposto seu objeto de análise: a dinâmica da sexualidade e do desejo na organização das relações sociais. Teórica e metodologicamente, os estudos queer surgiram do encontro entre uma corrente da Filosofia e dos Estudos Culturais norte-americanos com o pós-estruturalismo francês, que problematizou concepções clássicas de sujeito, identidade, agência e identificação. Central



*Figs. 3 e 4. Fotografias das gêmeas siamesas Abigail e Brittany Hensel. Ao contrário da abordagem preconceituosa dada aos “Freaks” na fotografia e no cinema de fins do século XIX e início do século XX, as gêmeas siamesas Abigail e Brittany Hensel, protagonistas do documentário produzido pelo Discovery Channel, *Joined for life* (2010), são retratadas sob a ótica não da “tolerância”, mas da aceitação.<sup>2</sup>*

Estranho, exótico, bizarro: “queer”<sup>3</sup>. Para a feitura de seu romance, Lobo Antunes vai em busca de um modelo ainda mais complexo e provocativo de ser humano do que o resultante de mutações genéticas incomuns: o travesti<sup>4</sup>, entidade indefinível sob quaisquer pontos de vista, um provável símbolo da crescente e contemporânea metamorfose do conceito de pessoa, além de uma alegoria possível e pontual das novas configurações do mundo. O travesti não é necessariamente um hermafrodita. Não sofre, portanto, os efeitos de uma determinação biológica. A sua ambiguidade é de ordem menos orgânica do que comportamental. Muitas vezes é a encarnação aberrante e voluntária de um paradoxo de gênero, que se amplia e parece não caber apenas no âmbito físico, espalhando seus efeitos em circunvoluções espaciais e temporais: é um corpo sem lugar, sem par e sem história. Sob um certo aspecto, é um sintoma social.<sup>5</sup>

Filho de ninguém, rejeitado por todos, destinado a nunca procriar. Filho cuja memória não honra, não admira e não acolhe, sequer como consolo. Filho que não se quer emancipado, que não se deseja pai, que já não encontra motivos para aspirar à satisfação mínima do anseio de eternidade fadado aos mortais, que é ver-se espelhado num filho: promessa de perenização de si mesmo no mundo e no porvir. Em tempos pós-modernos, o travesti pode ser visto como a encarnação da negação do humano em sua atual configuração.

foi o rompimento com a concepção cartesiana (ou Iluminista) do sujeito como base de uma ontologia e de uma epistemologia. Ainda que haja variações entre os diversos autores, é possível afirmar que o sujeito no pós-estruturalismo é sempre encarado como provisório, circunstancial e cindido. Teóricos queer encontraram nas obras de Michel Foucault e Jacques Derrida conceitos e métodos para uma empreitada teórica mais ambiciosa do que a empreendida até então pelas ciências sociais. As duas obras filosóficas que forneceram suas bases foram História da sexualidade I: A vontade de saber (1976) e Gramatologia (1967), ambas publicadas em inglês na segunda metade da década de 1970. O primeiro volume da História da sexualidade rompeu com a hipótese repressiva que marcava a maioria dos estudos até meados da década de 1970. Segundo Foucault, vivemos em uma sociedade que, há mais de um século, “fala prolixamente de seu próprio silêncio, obstina-se em detalhar o que não diz; denuncia os poderes que exerce e promete libertar-se das leis que a fazem funcionar”. Em outras palavras, o filósofo afirmou que a sexualidade não é proibida, antes produzida por meio de discursos. (...) A contribuição de Jacques Derrida para a Teoria queer pode ser resumida a seu conceito de complementaridade e à perspectiva metodológica da desconstrução. A complementaridade mostra que significados são organizados por meio de diferenças em uma dinâmica de presença e ausência, ou seja, o que parece estar fora de um sistema já está dentro dele e o que parece natural é histórico. Na perspectiva de Derrida, a heterossexualidade precisa da homossexualidade

Este corpo grotesco, portanto, desafia o humano tal como foi, até hoje, culturalmente construído. Mimetiza-o ironicamente. Aponta-lhe as inconsistências e as fragilidades, as “montagens” discursivas e arbitrárias sobre as quais se ancora e se define. E tudo isso, não sem sofrimento. Porque, no fundo, no íntimo, ele acolhe um ser aprisionado e apavorado. Um ser que não pode, como os “normais”, escapar da experiência *Unheimlich* de si pela tábua de salvação da palavra. “Monstro”: não pode dizer-se ao espelho e continuar em paz. “Estranho”: não pode entender sobre si e dormir tranquilo. “Queer”: não pode assumir como bandeira e tornar-se surdo aos ecos tão próximos do insulto; quando a palavra, ainda não ressignificada, era-lhe atirada à cara com força, para escarnecer.



Fig. 5. Representação do andrógino na arte, onde os corpos fundem-se como os dos gêmeos siameses.

Fig. 6. O bósnio Andrej Pejic, conhecido modelo andrógino das passarelas da moda.

Continuação notas 3, 4 e 5

lidade para sua própria definição, de forma que um homem homofóbico pode-se definir apenas em oposição àquilo que ele não é: um homem gay. Este procedimento analítico que mostra o implícito dentro de uma oposição binária costuma ser chamado de desconstrução. (...) A partir das contribuições acima, teóricos como Eve K. Sedgwick, David M. Halperin, Judith Butler e Michael Warner começaram a empreender análises sociais que retomavam a proposta de Foucault, ao estudar a sexualidade como um dispositivo histórico do poder que marca as sociedades ocidentais modernas e se caracteriza pela inserção do sexo em sistemas de unidade e regulação social.” Ver MISKOLCI, Richard. A teoria queer e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização, in Sociologias, n. 21 (Porto Alegre: PPGS-UFRGS, 2009).

<sup>4</sup> Travestis são pessoas que vivem uma parte significativa de seu cotidiano como se fossem do sexo oposto, adotando roupas, nomes, cortes de cabelo, modos e timbres de voz do sexo almejado. Hormônios e cirurgias estéticas são muitas vezes utilizados para a reconfiguração de seus corpos. O travestismo é muitas vezes associado aos termos “hermafroditismo” e “androginia”, com os quais não se confunde, pois independe, como as categorias que eles definem, de uma determinação biológica. O “humanismo” é uma doença denunciada de muitas formas ao longo da “escrita queer” de Lobo Antunes, uma escrita evocadora, e problematizadora, em diversos aspectos, do recente discurso “pós-humano”.

<sup>5</sup> Na literatura médica, “sintoma” é qualquer alteração da percepção normal que uma pessoa tem de seu próprio cor-



Fig. 7. *Hermafrodito*, estátua romana (200 d.C.), cópia de um original grego. O leito foi adicionado por Bernini em 1516.<sup>6</sup>



Fig. 8. Fotografia de um hermafrodita, com as características masculinas e femininas distribuídas nos dois hemisférios do corpo. Fig. 9. À direita, o andrógino Baphomet, retratado pelo ocultista Eliphas Lévi, uma figura mítica acusada pela Inquisição de ser um objeto de culto dos cavaleiros templários.<sup>7</sup>

po, do seu metabolismo, de suas sensações, podendo ou não consistir-se em um indício de doença. Sintomas são frequentemente confundidos com sinais, que são as alterações percebidas ou medidas por outra pessoa, geralmente um profissional de saúde. A diferença entre sintoma e sinal é que o sinal é aquilo que pode ser percebido por outra pessoa sem o relato ou comunicação do paciente e o sintoma é a queixa relatada pelo paciente mas que só ele consegue perceber. Sintomas são subjetivos, sujeitos à interpretação do próprio paciente. A variabilidade descritiva dos sintomas varia enormemente em função da cultura do paciente, assim como da valorização que cada pessoa dá às suas próprias percepções. Sintoma também pode ser entendido como sinônimo de índice. Na Semiótica, a ciência geral dos signos, índices e sintomas são signos em que a relação entre significado e significante não é arbitrária, mas sim determinada pela experiência vivenciada pelo interpretador ou pela contiguidade de fato entre dois elementos.

<sup>6</sup> Chama-se hermafrodita (do nome do deus grego Hermafrodito, filho de Hermes e Afrodite - respectivamente representantes dos gêneros masculino e feminino), um ser humano ou animal que possui órgãos sexuais dos dois sexos. Numa espécie dioica (em que normalmente os sexos se encontram em indivíduos separados) podem aparecer indivíduos hermafroditas, mas geralmente por um processo teratológico, ou seja, por uma má-formação embrionária. O mito é explicado por Aristóteles, no Banquete de Platão, que expõe a sua teoria dos três gêneros.

Unidos em passeatas, os excêntricos, hoje, saem das sombras para as avenidas de sol, ombreados e fortalecidos como um poderoso corpo coletivo a expor arrogantemente as suas mazelas e a rir de si mesmos antes que os outros o façam. Já não é possível, no mundo pós-moderno, varrer o “lixo” para debaixo do tapete, ou ocultá-lo nos quintais. O “lixo” invade, literalmente, a sala de visitas da atualidade. Os cartões postais das cidades estão intransitáveis de tanto expurgo acumulado. Não há mais espaço no mundo para afastar ou ocultar o que não serve ao mundo. O “lixo” transita, rejeitado, pelos ares e pelos mares à procura de um porto. Mas os ares e os mares também estão poluídos. Os portos estão repletos. O “lixo” é um problema insolúvel, porque enquanto pensamos sobre ele continuamos a produzi-lo. E se tentarmos queimá-lo, como antes, ele contamina tudo, impedindo-nos a respiração. Que fazer com as montanhas de “lixo” que nos cercam, sitiando-nos em espaços cada vez mais exíguos, ou isolando-nos nos parques temáticos e nas Disneylândias da pós-modernidade? Ignorá-las? Fingir que não existem? Escapar para o ciberespaço, onde infantilmente simulamos que já não somos e que já não estamos, e que será possível continuar a existir dentro de uma máquina, quando o mundo que nos acolhe encolher a ponto de não nos suportar mais? Que fazer quando tudo arde?...

O romance antuniano penetra agudamente neste espaço contaminado, munido talvez da força da carreira que abraçou o seu autor, a medicina, uma profissão que obriga o homem a encarar seu semelhante em situações extremas, não fugindo de suas chagas, mas tentando abrandar-lhe as dores. O homem que vai para os campos de batalha não para matar, mas para salvar. Para suturar os pedaços do homem que outros homens explodiram, e para ouvir seus lamentos e gritos ensurdecidos pelas bombas que ele também arremessa aos outros sem razão.

Neste aspecto, *Que farei quando tudo arde?*, como os corpos humanos que ele revela e desvela, também é um corpo textual grotesco. Patético, até - no sentido em que abraça e reproduz, na sua superfície estrutural e estética, o *pathos* humano que evoca profundamente em seu enredo. São estas contradições que fazem do “travesti” um ser de imensa riqueza imagética para a elaboração de uma narrativa que pretende abordar a questão identitária em diversas instâncias. Desde a mais particular até a mais genérica, para retornar àquela que mais parece interessar ao autor: a do papel da literatura num mundo que literalmente arde em chamas; e que parece convocá-lo, e ao seu espírito humanitário resiliente (embora talvez não “humanista”) - educado na arte de curar e arduamente treinado nas trincheiras da loucura e da guerra, como psiquiatra e médico sem fronteiras -, para uma ação efetiva. Uma ação que não se dará, como as outras que exerceu em sua vida, no campo do real, mas do ficcional, como um D. Quixote de Pierre Menard, pós-Pierre Menard: mas que ainda não se convenceu a

Continuação nota 7.

<sup>7</sup> Em 1307, uma série de acusações daria início a cruel perseguição imposta pelo Papa Clemente V e pelo Rei de França Felipe IV, mais conhecido como Felipe, o Belo, contra a Ordem dos Cavaleiros do Templo, também chamada de Ordem dos pobres cavaleiros de Cristo, ou, simplesmente, templários. O processo inquisitorial movido contra os templários foi encerrado em 12 de setembro de 1314, quando da execução do Grão Mestre da Ordem do Templo, Jacques de Molay, juntamente com outros dois nobres cavaleiros, todos queimados pelas chamas da Inquisição. No longo rol de acusações estavam: a negação de Cristo, a recusa de sacramentos, a quebra de sigilo dos capítulos, o enriquecimento, a apostasia, além de práticas obscenas e sodomia. O conjunto das acusações montaria um quadro claro do que foi denominado de “desvirtuação dos princípios do cristianismo”, os quais teriam sido substituídos por uma heterodoxia doutrinária de procedência oriental, sobremodo islâmica. No entanto, dentre as inúmeras acusações movidas contra os templários, uma ganharia especial notoriedade, pois indicava a adoração a um tipo de ídolo, algo diabólico, entendido como um símbolo místico utilizado pelos acusados em seus supostos nefastos rituais. Este símbolo – o Baphomet – foi retratado por Eliphas Lévi como um ser híbrido, misto de homem e animal, e com um corpo com fortes caracteres de hermafroditismo, o que contribuiu para difundir a demonização da imagem do andrógino na cultura europeia.

abandonar a missão da cavalaria andante apenas porque ninguém mais no mundo acredita na ética templária.

O território para onde convergem os Quixotes desde antes de Alonso Quijano até bem depois dele, contudo, não parece haver mudado. Ele é o mesmo: aquele que Cervantes discute nos capítulos XXXVII e XXXVIII de seu romance. É inegável a ironia com que o escritor põe seu personagem a provar a pretensa superioridade das armas sobre as letras, evidente no caráter paradoxal de seus argumentos:

Saiam da minha frente os que afirmam que as letras sobrepujam as armas; dir-lhes-ei, sejam quem forem, que não sabem o que dizem (...). O fim e paradeiro das letras é estabelecer, em sua exata medida, a justiça distributiva e dar a cada um o que é seu, fazendo apreender e respeitar as boas leis. Fim, por certo, generoso e elevado, digno de grande louvor, mas não de tanto como o merece aquele relativo às armas, que têm por objeto e finalidade a paz, o maior bem que podem os homens desejar nesta vida (...). Esta paz é o verdadeiro fim da guerra – tanto faz dizer “armas” como “guerra”, pois são a mesma coisa. (CERVANTES, 1981, P. 227-228)

Aliás, é interessante verificar que nem o próprio fidalgo é tão enfático ao julgar o pleito em favor das armas, criticando “a espantosa fúria dos endemoninhados instrumentos da artilharia moderna, que corta e acaba a vida a um militar brioso quando esse estava combatendo corajosa e valentemente animado pelos sentimentos que acendem e entusiasмам os peitos generosos” (CERVANTES, 1981, p. 230). Por isso, ele se questiona:

[e]stou capaz de afirmar que me pesa no íntimo da alma de haver abraçado este exercício de cavaleiro andante em tempos tão detestáveis como estes em que vivemos agora; porque, ainda que eu sou daqueles a quem não há perigo que meta medo, contudo muitas vezes me sinto receoso de que a pólvora e o chumbo me roubem a ocasião de tornar-me famoso e conhecido pelo valor do meu braço e pelos fios da minha boa espada em todos os ângulos da terra; porém disponha o céu como lhe aprouver, que tanto mais estimado serei se levo a cabo o que pretendo, quanto me tenho exposto a perigos bem maiores que aqueles a que se expuseram os cavaleiros andantes dos anteriores séculos. (CERVANTES, 1981, p. 230)

Ora, o mais terrível perigo que enfrenta o D. Quixote é o de não poder mais realizar-se como um verdadeiro cavaleiro andante, numa época em que a cavalaria andante já estava extinta. Afinal, D. Quixote não é senão a figura risível e estropiada de um literato que insiste em lutar no mundo com armas que não lhe pertencem. Sua Dulcineia não é, portanto, uma mulher nem uma guerra, é a própria literatura de cavalaria, pela qual é apaixonado e em defesa da qual ousa enfrentar a artilharia pesada de um mundo onde “os sentimentos que acendem e entusiasмам os peitos generosos” perdem espaço na realidade e restam circunscritos ao espaço do

*literário*: agora, pejorativamente, um sinônimo de irrealidade e loucura.

Se a literatura ficcional e poética perde espaço de legitimidade num mundo excessivamente materialista, há que se transformar. O recente investimento no biografismo, no historicismo e no jornalismo que se observa nos grandes romances da atualidade, como nos de Lobo Antunes, atesta os processos de mutação do *literário* em seus mecanismos de resistência. *Que farei quando tudo arde?*, por exemplo, evoca tanto um poema, de onde abstrai o título (o último verso de um soneto de Sá de Miranda<sup>8</sup>), quanto o depoimento do jornalista Carlos Castro, angolano, autor do livro *Rainha da Noite*, sobre Ruth Bryden – aliás, Joaquim Centúrio de Almeida, uma das grandes figuras do espetáculo do travestismo português e provavelmente o seu maior ícone. Com uma carreira fulgurante, influenciou dezenas de transformistas pelo seu perfeccionismo e talento, exuberância e sentido de espetáculo. Mas a sua penetração estendeu-se ao plano da arte dita erudita quando foi capturado por Lobo Antunes para a confecção de Carlos/Soraia, protagonista do romance em questão.

O enredo é muito simples, quase vulgar. Uma história extraída dos ambientes que costumam frequentar mais as páginas policiais do que os textos literários. Algo sórdido, em seu realismo chulo. O jovem Carlos, homossexual não assumido, casa-se com a professorinha Judite, filha de um pastor protestante, severo na igreja, mas devasso na vida. A moça desconfia de suas inclinações, mas prefere ignorá-las, até o dia em que descobre, entre as roupas do marido, peças íntimas de mulher. – Você usa isto, Carlos? A esta altura, ambos têm um filho, Paulo, que se tornará escritor, e de cujo ponto de vista a narrativa parece brotar num longo discurso indireto livre e entrecortado. Não há capítulos nem ordem na história, os blocos de texto se superpõem e se confundem temporalmente, chocando-se entre si em digressões e flashbacks, simulando os silêncios que oprimem os personagens e a solidão que os cerca, pois não encontram solidariedade nem apoio para o problema que se instaura na família. Nenhuma instituição social parece funcionar no aconselhamento daquele pequeno grupo devastado e marginalizado, todas conduzidas pelo preconceito: nem a escola, nem o hospital, nem a igreja. O único acolhimento vem das ruas, e acaba determinando um desfecho devastador, quando visto no destaque que lhe confere o romance, mas comum no dia-a-dia: o pai vira um transformista e vai trabalhar numa casa noturna; a mãe, indignada, cai na prostituição; e o filho, entregue pelo serviço social a uma família para criar, acaba vítima do vício das drogas.

Um enredo ínfimo, mas que não deixa a dever aos ínfimos enredos que fizeram os grandes romances do naturalismo do século XIX, com toda a morbidez, pseudo-cientificismo, descritivismo, perversão e preferência por temas relacionados

<sup>8</sup> “Dezarrezoado amor,  
dentro em meu peito/  
tem guerra com a razão.  
Amor, que jaz/ i já de  
muitos dias, manda e  
faz /tudo o que quer, a  
torto e a direito./ Não  
espera razões, tudo é  
despeito, / tudo soberba  
e força, faz, desfaz, /  
sem respeito nenhum,  
e quando em paz / cui-  
dais que sois, então tudo  
é desfeito. / Doutra par-  
te a razão tempos espia,  
/ espia ocasiões de tarde  
em tarde, / que ajunta  
o tempo: em fim vem  
o seu dia. / Então não  
tem lugar certo onde  
aguarde / amor; trata  
treições, que não confia  
/ nem dos seus. Que fa-  
rei quando tudo arde?”  
(Sá de Miranda).

<sup>9</sup> Impulsionados pela perspectiva evolucionista de Charles Darwin, os romances naturalistas difundiram a ideia de que o indivíduo é um produto da hereditariedade, e que o seu comportamento é fruto do meio em que vive e sobre o qual age. Destacam-se, portanto, pela abordagem extremamente aberta do sexo e pelo uso da linguagem coloquial. O resultado é um diálogo vivo e direto, que no início do século XIX foi considerado até chocante de tão inovador. O instintivo, o fisiológico e o natural predominam neste tipo de romance, que explora a agressividade, a violência e o erotismo como elementos indissociáveis da personalidade humana. Ao lado de Darwin, Taine e Comte influenciaram de modo definitivo a estética naturalista. Os autores naturalistas criavam narradores oniscientes e impassíveis para dar apoio à teoria na qual acreditavam. Abordavam temas como a homossexualidade, o incesto, o desequilíbrio que leva à loucura, criando personagens que eram dominados pelos seus instintos e desejos, pois viam no comportamento do ser humano traços da sua natureza animal. O francês Émile Zola foi o idealizador do naturalismo e o escritor que mais se identificou com ele. O que Claude Bernard tinha desvendado no corpo humano, Zola tentou desvendar na sociedade. A título de curiosidade, conta-se que Zola pouco mais teve que fazer do que substituir as palavras do médico no livro *Introduction à l'étude de la médecine expérimentale* pelas do romancista, para poder escrever a sua obra *Le roman expérimental*, de 1880, considerado o manifesto literário do movimento.

às patologias sociais, além do apelo sexual decadente que os caracterizava<sup>9</sup>. O que causa surpresa e impacto não é o enredo, mas a sua retomada no século XXI por Lobo Antunes. Por que a reedição deste gênero já há muito enterrado? O livro lembra, em volume, os do passado, romances de tese que se estendiam longamente para defender alguma teoria sociológica ou antropológica, numa época de grande deslumbramento da arte com a ciência. Mas o romance em questão, efetivamente escrito por um homem de formação científica, parece na verdade zombar de ambos: do discurso naturalista na arte e do discurso acadêmico das teses, constatando apenas, e ironicamente, uma mesma e melancólica “verdade”: a da “falência de todas as grandes narrativas”, que é como Jean- François Lyotard definiu o Pós-modernismo pela primeira vez, há algumas décadas.

Seria possível escrever um prolixo volume apenas para constatar esta mesquinha conclusão? Ou para comprová-la na prática? Sim, porque a releitura e a desconstrução são marcas indelévels da produção deste autor. Só para citar um exemplo devastador para os portugueses, o romance *As naus* faz desmoronar, com um cruel grau de ironia, a grande epopeia dos Descobrimentos, arrastando-a no lamaçal das guerras de uma África pós-colonizada e caótica; e fazendo seu autor, o laureado Luís de Camões, retornar morto num grotesco caixão, para jazer sem sepultamento a sina de ser arrastado pelas ruas de um país irreconhecível, o que faz soar ridículo até o desesperado achado de Fernando Pessoa na *Mensagem* – hoje transformado em “frase de efeito” em cartões postais e camisetas – quando, num último esforço de patriotismo nacionalista e de angústia reabilitadora “*apophrades*” (como diria Harold Bloom), ainda tentava responder à pergunta do Velho do Restelo com alguma dignidade: “Tudo vale a pena se a alma não é pequena”.

O romance pós-moderno de Lobo Antunes se reconhece – envergonhado, talvez, num primeiro momento; mas assumido e poderoso a seguir – como um transformista, uma Ruth Bryden ou um Carlos/Soraia: um gênero híbrido que sobrevive de montagens mascaradas, trejeitos, dicções e enxertos em seu próprio corpo para simular ser o que não é: poesia-jornalismo, romance-sociologia, ficção-antropologia, sublime-grotesco, tradição-consumo, alta-baixa literatura... D. Quixote-Sancho Pança, enfim, num atendimento camaleônico às demandas do horizonte de expectativas de seu tempo e de seu público, associado a um sopro de vida, a uma quase respiração artificial que garante a sua sobrevivência resistente, no casulo de sua metamorfose em processo.

Pois tal como Cervantes, que no século XVII deu à luz ao que viria a ser o grandioso romance moderno, ironicamente reciclado das malhas roídas das armaduras das novelas de cavalaria do passado, presente-se que algo está nascendo do rescaldo dessas reedições folhetinescas de biografismos e documentários,

elevados ao plano de uma “grande narrativa” aparente, montada como um travesti. A “Escrita Queer” de Lobo Antunes articula em seu bojo – ao lado do resgate de farrapos de gêneros mortos, idealismo requentado, temas banais, cenas realistas e boas doses de apelo à vulgaridade – uma requintada maquiagem de grande produção erudita, com livros elegantes, bem escritos, impressos, traduzidos para outros idiomas, bem editados, bem resenhados, premiados, divulgados com destaque na imprensa e rapidamente convertidos em objetos de estudo da Academia e em motivos para a organização de congressos. Uma verdadeira Rainha da Noite que, esrachada e sarcástica no palco de seu circo de horrores, desfila sua ornamental fantasia burlesca, fingindo ser o que não é – e sendo aplaudida exatamente por isto: um fulgurante, espetaculoso, artificial e fantástico espelho da sociedade pós-moderna. Conduzido como um escudo pelo sempre extemporâneo, melancólico e sobrevivente D. Quixote, o escritor, que em seu Rocinante estropeado empunha a sua espada *fake* e finge – a sério – atacar gigantes em moinhos de vento.

### **Abstract**

*Queer Theory emerged in the United States in the late 1980s, as opposed to sociological studies about gender. Appearing in departments not directly linked to social investigation – as in Philosophy and Literary Criticism –, queer studies problematize classical conceptions of identity, drawing on the concepts and methods in the works of Michel Foucault and Jacques Derrida that propose a break with the Cartesian conception of the humanist subject as the basis of a posthuman ontology. Dealing with theoretical approaches whose boundaries are still diffuse and gather little consensus as to the legitimacy of their effective use, this paper seeks to account for the extreme challenges posed to literary criticism by Lobo Antunes’s novel **Que farei quando tudo arde?**.*

**Keywords:** *Postmodernism; Posthumanism; Queer Theory; António Lobo Antunes; “Que farei quando tudo arde?”.*

### **REFERÊNCIAS**

ANTUNES, António Lobo. *Que farei quando tudo arde?* Lisboa: Dom Quixote, 2001.

\_\_\_\_\_. *As naus*. Lisboa: Dom Quixote, 2002.

BLOOM, Harold. *A angústia da influência*. Uma teoria da poesia. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

- BORGES, Jorge Luis. *O livro dos seres imaginários*. São Paulo: Globo, 1989.
- \_\_\_\_\_. Pierre Menard, autor do Quixote, in: *Ficções*. São Paulo: Globo, 1989, p. 29-38
- BUTLER, Judith. *Bodies That Matter: On the discursive limits of sex*. Routledge, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Problemas de gênero*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CANGUILHEM, Georges. *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- CASTRO, Carlos. *Ruth Bryden: rainha da noite*. Lisboa: Dom Quixote, 2000.
- CERVANTES DE SAAVEDRA, Miguel de. *O engenhoso fidalgo Dom Quixote de La Mancha*, trad. Viscondes de Castilho e Azevedo. Notas José María Castro Calvo, São Paulo: Abril Cultural, 1981.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. São Paulo: Graal, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Nascimento da clínica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Os anormais*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- HAYLES, Katherine. *How We Became Posthuman*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1999.
- JAGOSE, Annemarie. *Queer Theory – an introduction*. New York: New York University Press, 1996.
- KULICK, Don. *Travesti: Sex, Gender, and Culture among Brazilian Transgendered Prostitutes*. Chicago: Chicago University Press, 1997.
- LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- LOUÇÃO, Paulo Alexandre. *Os templários na formação de Portugal*. Lisboa: Ésquilo, 2009.
- LYOTARD, Jean-François. *O pós-moderno*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.
- MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. *Sociologias*, no. 21, p.150-182, [jun.] 2009.
- NARUYAMA, Akimitsu. *Freaks. Aberrações humanas: A exploração de fenômenos físicos humanos em circos e espetáculos itinerantes*. Trad. Maria Jacinto. Portugal: Livros e Livros, 2000.
- NOVAES, Adauto (org.). *Mutações. Ensaios sobre as novas configurações do mundo*. Rio de Janeiro: Agir, 2008.
- PESSOA, Fernando. Mensagem, in: *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005, p.71-89.

- SEIXO, Maria Alzira. *Os romances de António Lobo Antunes*. Lisboa: Dom Quixote, 2002.
- SLOTERDJICK, Peter. *Regras para o parque humano*. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.
- SPARGO, Tamsin. *Foucault e a teoria queer*. Rio de Janeiro: Pazulin, 2006.
- VALVERDE, Tércia Costa. "O dilaceramento do ser em *Que farei quando tudo arde?*, de Lobo Antunes". Tese de doutorado. UFPE, 2012.